

ACERVOS PESSOAIS: MEMÓRIA INDIVIDUAL COMO PONTO DE VISTA DA MEMÓRIA COLETIVA

João Paulo Borges da Silveira

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão sobre os acervos pessoais enquanto portadores da memória individual e memória coletiva. O acervo pessoal em destaque é o de Coriolano Benício (1911-1984), nascido na cidade do Rio Grande/RS atuou nas cenas artísticas e culturais como teatrólogo, jornalista, carnavalesco e poeta, atividades desenvolvidas em sua cidade e Estado. Seu acervo pessoal é composto por documentações reunidas e preservadas pelo próprio Benício ao longo de sua vida. E para a reflexão de memória individual e coletiva, partimos de Halbwachs (2006), o qual afirma que a memória individual é um ponto de vista da memória coletiva.

Palavras-Chave: Acervos pessoais. Memória coletiva. Memória individual. Coriolano Benício.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Visou-se uma reflexão a partir da relação entre os acervos pessoais e a memória individual como ponto de vista da memória coletiva, conceito trabalhado por Halbwachs (2006). É importante ressaltar que não se pretende aqui extinguir todas as possibilidades de análises referentes ao conceito de memória e os acervos pessoais, mas sim expor reflexões sob um plano específico, neste caso o acervo pessoal de Coriolano Benício.

2 CORIOLANO BENÍCIO E SEU ACERVO PESSOAL

O rio-grandino Coriolano Mário de Araújo Benício (1911-1984), o quarto dos cinco filhos do músico João Pedro Benício e da dona de casa Rachel Lopes de Araújo Benício, ingressou jovem na cena artística e cultural de Rio Grande, onde permaneceu até o seu falecimento.

Benício atuou como teatrólogo, tendo desenvolvido as atividades de diretor, ator, escritor, ensaiador, cenógrafo e professor de teatro. Dessa maneira, em 1933 fundou, com mais seis amigos, a *Companhia de Teatro Amador Beira-Mar*, a qual permaneceu ativa por mais de meio século e se apresentou em diversos teatros da cidade e da região.

Já no ramo jornalístico, ele começou como tipógrafo aos 17 anos de idade e aos 18 anos criou e dirigiu seu primeiro jornal, *O Tagarella*. Posteriormente dirigiu outros três jornais, ao todo ele trabalhou em 17 veículos de comunicação do município, como: repórter e radialista, além de correspondente para jornais da cidade de Porto Alegre/RS.

O carnaval foi outro campo de atuação de Benício. Fundou e dirigiu o *Clube Carnavalesco e Corpo Cênico Irresistíveis*, onde organizou e participou de festejos sociais, como bailes em salões de festa da cidade do Rio Grande e o carnaval de rua, com direito a carros alegóricos, fantasias e sambas enredos. Ele também foi escritor literário, além de ter sido um dos fundadores da *Academia Rio-grandina de Letras* (ARL) e da *Casa do Poeta Rio-grandino*. Autor de poesias, contos e histórias em quadrinhos, chegou a publicar dois livros, sendo um deles chamado de *O Cinzeiro*, no qual Benício demonstrou outro ramo de atuação, o de biógrafo.

Após a sua morte, na década de 1980, parte do seu acervo pessoal foi doado ao Centro de Documentação Histórica (CDH) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). A documentação que está no centro compreende os anos de 1913 a 1982. Constitui o acervo: documentos manuscritos, jurídicos e contábeis das instituições que participou; *folders* e cartazes com anúncios de peças teatrais e filmes; fotografias; correspondências; cartões de apresentação; alguns de seus desenhos e recortes de jornais e revistas da região, do Estado e do país. Toda essa documentação foi armazenada e preservada pelo próprio Coriolano Benício.

Segundo Cook (1998) “os arquivos são evidências das transações da vida humana” (p. 131), o acervo pessoal de Benício se apresenta como fonte para estudos sobre as cenas artísticas e culturais da cidade do Rio Grande, e tem por viés as recordações de sua vida sob o seu olhar, preservando os fatos de seu interesse e com os quais se identificou. De acordo com Rosário “lembramos aquilo que tem significado, aquilo que é importante. Assim, vivemos entre a memória e o esquecimento, talvez porque vivamos entre o ser e o não ser mais” (2002, p. 5).

Documento “é aquilo que ‘documenta’ ou ‘registra’ algo com um propósito intelectual deliberado” (EDMONDSON, 2002, p. 10), esta era a intenção do colecionismo de Benício, ou seja, preservar os registros dos acontecimentos que lhe marcaram, direta ou indiretamente, mas que de qualquer forma registram a sociedade rio-grandina. Ribeiro afirma que “o desejo de perpetuar-se [...] de constituir a própria identidade pelos tempos adiante [...]” (1998, p. 35), faz com que indivíduos formem seus acervos pessoais, suas memórias individuais como reflexos da memória coletiva.

3 MEMÓRIA: INDIVIDUAL E COLETIVA

O conceito de memória coletiva primeiramente foi discutido por Halbwachs em seu livro *Lés cadres sociaux de la mémoire* (1976), mas foi em *A memória coletiva* que o autor se sobressaiu na definição de memória em/de uma sociedade. Para Ricoeur, “deve-se a Maurice Halbwachs a audaciosa decisão de pensamento que consiste em atribuir a memória diretamente a uma entidade coletiva que ele chama de grupo ou sociedade” (2007, p. 130).

Halbwachs (2006), afirma que precisamos de testemunhos para evocar as nossas lembranças, como se eles servissem de ponto de acesso para nos lembrar das nossas vivências. O primeiro testemunho que evocamos para nos auxiliar nessa atividade é a nós mesmos, ou seja, os fatos para serem lembrados estão armazenados e precisamos conseguir chegar até eles.

Os outros testemunhos (externos) nos ajudam a alcançar nossas lembranças, assim como reforçam a sua veracidade. Quando começamos a conversar com amigos, sobre algo vivenciado em conjunto há anos e que mal nos lembramos, conseguimos recordar aos poucos, da mesma forma que os comentários sobre o fato também nos ajudam a lembrar de outras situações. Apesar de que cada amigo vivenciou e registrou o acontecido a sua maneira, portanto o que ficou marcado para um talvez não seja para o outro.

Diante do exposto é possível identificar a questão de memória coletiva, pois o que foi vivenciado em sociedade é passível de ser recordado pelos mesmos, entendendo que vivemos em grupos – pequenos grupos que formam a sociedade, então todas nossas vivências e possíveis lembranças são coletivas, ora com um grupo, ora com outro.

Halbwachs (2006), salienta que mesmo sozinhos a formação de nossas lembranças não são individuais. Ao visitar um museu, por exemplo, vamos contemplando a exposição com a ajuda de plaquetas explicativas junto às peças, elas nos auxiliam a compreender o que está diante de nós. Apesar de estarmos sozinhos, as plaquetas, elaboradas pelo museu, tornam nossas lembranças coletivas. Primeiramente porque centenas de pessoas passaram pela exposição e a contemplaram, desse modo terão lembranças da exposição iguais ou diferentes das nossas, e em segundo lugar, sofremos a interferência da escrita das plaquetas, que são os testemunhos que precisamos para compreender o significado das peças, para isso absorvermos então a ideia de outras pessoas e construímos nossas lembranças. Se anteriormente nunca tivéssemos ido à referida exposição, tais plaquetas não seriam testemunhos no sentido de evocar nossas lembranças, já que não conhecíamos as obras, mas sim nos auxiliaria a buscar lembranças que possamos relacionar com o que está diante de nossos olhos.

Essa percepção de memória coletiva é exatamente o que acontece nos acervos pessoais, como o de Coriolano Benício. Ao registrar em seus manuscritos, escreveu as “suas” lembranças sobre determinados fatos, como a criação de sua companhia teatral. A princípio, as informações que ele descreve lhe pertencem, contudo, as origens de suas lembranças são múltiplas, tanto em relação aos amigos que fundaram a companhia, quanto às pessoas envolvidas nas redes sociais dos criadores e até mesmo a sociedade rio-grandina no geral, já que a cidade foi o principal palco de atuação da companhia.



Para Halbwachs (2006), é necessário que haja pontos em que possamos apoiar nossas lembranças, caso deseje ou haja necessidade de serem recuperadas. Em muitos casos, não conseguimos nos lembrar de um acontecimento que vivenciamos, mesmo que haja muitos testemunhos (pessoas ou objetos) para nos ajudar a recordar do fato depois de transcorrido certo período. Isso ocorre devido o acontecimento não ter sido significativo e/ou não foi tão rotineiro a ponto de nos marcar, ou seja, passamos despercebidos.

Meyer reforça essa tese quando diz que “a memória, às vezes, nos trai. Aparentemente não registra ou não quer registrar o que ocorreu, mas vai construindo uma ideia aproximada desse acontecer” (2009, p.33). Não conseguimos nos lembrar, pois perdemos o contato com os testemunhos e perdemos o vínculo que poderíamos ter para acessar nossas lembranças.

Sobre os testemunhos, entende-se que Bergson aponta que estes podem ser o nosso próprio corpo, já que “o nosso corpo é um instrumento de ação” (1999, p. 263). Sendo assim:

o corpo conserva hábitos motores capazes de desempenhar de novo o passado; pode retomar atitudes em que o passado irá se inserir; ou ainda, pela repetição de certos fenômenos cerebrais que prolongaram antigas percepções, irá fornecer à lembrança um ponto de ligação com o atual, um meio de reconquistar na realidade presente uma influência perdida: mas em nenhum caso o cérebro armazenará lembranças ou imagens. (BERGSON, 1999, p. 263).

Enquanto para Candau (2009), são os elos que construiria a memória compartilhada tendo como princípio à partilha de experiências, os chamados sócio-transmissores, no qual o autor os conceitua como “todas as produções e comportamentos humanos que estabelecem uma cadeia causal cognitiva social ou cultural” (2009).

O nosso afastamento de determinados grupos sociais que fizemos parte outrora, favorece para que ao tentarmos recuperar lembranças dessas vivências elas já sejam mais difíceis de serem recuperadas, e quando são, por vezes, temos a impressão que somos meros expectadores da cena, como se não fôssemos os participantes. Há de considerar que as lembranças das vivências com o grupo são individuais, no sentido que quando as armazenamos também as misturamos com as nossas outras vivências, mas ao mesmo tempo por serem lembranças vivenciadas por um grupo elas se tornam memória coletiva.

Os manuscritos de Benício podem servir como testemunhos para que muitas pessoas que conviveram com ele, ou não, mas que participaram mesmo que indiretamente de suas atividades, possam recuperar suas lembranças sobre momentos de suas vidas. Para os que não tiveram contato com Benício e/ou com suas atividades ficam os seus relatos e as fotografias na busca de construir uma memória reconstituída, que não será sua, como citado do Meyer (2009), é uma memória do que deve ter acontecido, se portando como indivíduo de fora da vivência, no qual nunca poderá compreender exatamente o momento lembrado.

Cada indivíduo tem suas memórias entrecruzadas pelas diferentes lembranças de cada grupo que fez parte, tornando então suas lembranças únicas, sendo que ninguém, por mais que tenha convivido em mais de um grupo social com Benício possa ter as mesmas lembranças que ele. Pois,



para Izquierdo “o conjunto das memórias de cada um determina aquilo que se denomina personalidade ou forma de ser” (2002, p. 10), ou ainda, a sua identidade.

Halbwachs (2006) ainda salienta que o lugar das memórias é no espírito, é a partir do espírito que evocamos as lembranças. Halbwachs nesse ponto se aproxima de Bergson (1999), que aponta o cérebro (matéria) como um arquivo de lembranças e o espírito (memória) como o que evocaria as lembranças. Para Bergson, as memórias não podem ser perdidas ou destruídas, mas sim podemos perder o acesso a elas.

Sobre a construção do conceito de memória coletiva, Candau (2008) adverte que para ele, o conceito ainda é frágil e merece atenção e cuidados ao ser trabalhado. Para o autor a memória individual é a coleção dos momentos vividos e armazenados pelo cérebro. Já a memória coletiva é mais complexa e subjetiva, pois se daria na transmissão de informações sociais e culturais, ou seja, o compartilhamento de memórias, no qual os sócio-transmissores são os responsáveis pela construção da memória dita coletiva.

Ainda com o conceito de memória coletiva de Halbwachs (2006), o indivíduo se entende como pertencendo a um determinado grupo social, já que compartilha das mesmas lembranças. Enquanto pertencente a um grupo, o indivíduo se reconhece como “eu”, ou seja, se identifica no grupo e se identifica como um ser único em seu meio social.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da exposição sobre a memória individual e a memória coletiva, entendemos que para lembrar é preciso dos outros, ou seja, a evocação dos testemunhos. Cada indivíduo organiza e armazena as memórias de sua forma, em relação a isto são individuais, contudo, toda memória é advinda de uma experiência coletiva. Halbwachs (2006) nos diz que mesmo sozinhos, estamos acompanhados, pois como exemplificado ao longo do texto, a plaqueta sobre a obra em um museu contém referências administradas por outra pessoa.

Para Halbwachs (2006) “[...] a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base em conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo” (p. 69). Sendo assim “a sucessão de lembranças, mesmo as mais pessoais, sempre se explica pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos ambientes coletivos [...]” (p. 69). Há de se observar que as memórias se transformam conforme os grupos sociais na qual estamos inseridas, para isso é preciso deles para construir, armazenar e preservar-lembranças, como diz o autor, “mesmo as mais pessoais” (p. 69).

Entende-se então, que o acervo de Coriolano Benício se caracteriza pelas marcas de suas lembranças a respeito de sua vida, o qual ele quis deixar registrado. O acervo ainda pode ser entendido como testemunho de um passado cultural e artístico rio-grandino, servindo também para evocar lembranças. Para encerrar este trabalho, fica para reflexão a citação de Halbwachs que dá título a este texto: “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto



de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes” (2006, p. 69).

PERSONAL ACQUIS: INDIVIDUAL MEMORY AS POINT OF VIEW OF COLLECTIVE MEMORY

Abstract:

This article aims to make a reflect about personal collections as bearers of individual memory and collective memory. The personal collection in focus at this work is of Coriolano Benício (1911-1984), who was born in Rio Grande/RS and served in artistic and cultural scenes as dramatist, journalist, poet and carnavalesco, activities developed in his city and state. His personal collection consists of documentation collected and preserved by Benício throughout your life. For the reflection of individual and collective memory, we start from Halbwachs, who argues that individual memories are a point of view of collective memory.

Keywords: Personal colletions. Collective memory. Individual memory. Coriolano Benício.

REFERÊNCIAS:

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CANDAU, Joel. Mémoire collective et mémoire individuelle fonctionnent-elles selon le même modèle? **Archives**, n. 25, avril, 2008.

CANDAU, Joel. La métamémoire ou la mise en récit du travail de mémoire. **Séminaire du Groupe d'Études sur les Mémoires, Centre Alberto Benveniste**, Paris, 8 avril 2009.

COOK, Terry. Arquivos Pessoais e Arquivos Institucionais: para um Entendimento Arquivístico Comum da Formação da Memória em um Mundo Pós-Moderno. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, N. 21, p. 129-149, 1998.

EDMONDSON, Ray. Diretrizes para salvaguarda do patrimônio documental. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, 2002.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **Lês cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Mouton, 1976.

MEYER, Eugenia. O fim da memória. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, 2009.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de só, ou ... **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 35-42, 1998.

ROSÁRIO, Cláudia Cerqueira de. O lugar mítico da memória. **Morpheus: Revista Eletrônica em Ciências Humanas**. Rio de Janeiro, Ano 01, n. 01, 2002.